

Estereótipos e neuroses de Ismael: uma análise da personagem de Anjo negro

Ismael stereotypes and neuroses: an analysis of Dark Angel character

Mayara Zanatta Fank *
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

Cleiser Schenatto Langaro *
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE

159

RESUMO: O objetivo deste estudo foi o de analisar pensamentos, atitudes e comportamentos da personagem Ismael, da peça *Anjo Negro* (1948), de Nelson Rodrigues, com relação aos aspectos que remetem à visão social estereotipada atribuída ao negro no contexto do século XX, a qual reflete o preconceito racial. O suporte teórico deste estudo bibliográfico amparou-se nas considerações da crítica literária, em Proença Filho (2004), Delcastagnè (2005), Freyre (2000) e outros estudiosos, além de breve suporte nos conceitos da psicanálise, conforme Horney (1874) e Souza (2005). A análise reporta-se a dramaturgia moderna de Nelson Rodrigues, atem-se aos estereótipos refletidos em Ismael, observando as consequências dos conflitos internos vividos pela personagem por não aceitar-se negro, o que evidencia o preconceito e a opressão social relacionada a cor e a condição de classe.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Rodrigues; Anjo-Negro; Ismael; Estereótipo e Preconceito.

ABSTRACT: This Work aims at addressing the analysis, which consists on observing the character Ismael in the play *Anjo Negro* (1948) in what comes to his attitudes and his behavior under the stereotypical social view, which is a result of a racial prejudice reflection.

* Mestranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

* Doutora em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná UNIOESTE).

This work is based on the social aspects found in the theoretical works of Proença Filho (2004), Delcastagnè (2005), among others. Besides, this analysis counts on the concepts of psychoanalysis by Horney (1974) and Souza (2005). This analysis shows that the modern dramaturgy, specifically the author Nelson Rodrigues, expresses the stereotype of black people in the literature, as it is observed through the character Ismael. It also shows the consequences of the internal conflicts that Ismael faces for not accepting his own condition as black.

KEYWORDS: Nelson Rodrigues; Dark Angel; Ismael; Stereotype and Prejudice.

1. INTRODUÇÃO

O negro na literatura brasileira até o século XX, de maneira geral, é apresentado como um ser inferior aos demais, desempenhando papéis como os de serviçais e escravos, os quais eram menosprezados pela sociedade. Gilberto Freyre (2000) concorda que o menosprezo da sociedade da época volta-se ao negro escravo ou recém liberto, pois o homem branco era comumente retratado na literatura de forma respeitável, assim como era respeitado na sociedade, aludindo aos resquícios da relação senhor *versus* escravos.

160

A porcentagem de participação de negros em papéis principais é consideravelmente menor, comparada com personagens brancos, de acordo com a pesquisa apresentada por Regina Dalcastagnè (2008, p. 91):

Os negros são 7,9% das personagens, mas apenas 5,8% dos protagonistas e 2,7% dos narradores; embora em proporção menos drástica, uma redução similar ocorre no caso dos mestiços. Juntando os dados anteriores, é possível observar a ampla predominância de *homens brancos* nas posições de protagonista ou de narrador, enquanto as *mulheres negras* mal aparecem.

De acordo com Domício Proença Filho (2004, p. 161) há dois posicionamentos do negro na literatura brasileira, sendo eles a condição negra como objeto, numa visão distanciada e o negro como sujeito, numa atitude compromissada:

A visão distanciada configura-se em textos nos quais o negro ou o descendente de negro reconhecido como tal é personagem, ou em que aspectos ligados às vivências do negro na realidade histórico-cultural do Brasil se tornam assunto ou tema. Envolve, entretanto, procedimentos que, com poucas exceções, indiciam ideologias, atitudes e estereótipos da estética *branca* dominante.

Se na visão distanciada o negro desempenha apenas papéis secundários, Proença Filho (2004) destaca que a partir de Luís Gama (1850-1882) surgiu a Literatura do Negro, denominada literatura compromissada, na qual ele passa a ser autor das próprias obras, o que evidencia uma considerável mudança na concepção em relação ao negro na literatura, pois o negro passa a desempenhar papéis principais (embora em casos esporádicos) e, principalmente, a ser escritor.

Portanto, o objetivo deste trabalho é observar como tais considerações aparecem na personagem Ismael da peça *Anjo Negro*.

2. ANJO NEGRO E A ATMOSFERA DRAMÁTICA: A QUESTÃO RACIAL

Anjo Negro é um drama, escrito em 1946, foi a terceira obra teatral escrita por Nelson Rodrigues. É composta por vinte personagens, tendo Ismael e Virgínia como protagonistas, Elias e Ana Maria como antagonistas. A mesma está dividida em três atos, cada ato com dois quadros.

A peça aborda vários problemas sociais, como, por exemplo, o preconceito de cor, a submissão da mulher perante o homem, a concepção social acerca do amor materno e a questão do incesto. Por conta disto, *Anjo Negro* foi censurada, pois estes problemas eram considerados tabus àquela sociedade, o que causou estranhamento nos leitores e preocupação aos líderes governistas.

Nelson Rodrigues, na obra *Anjo Negro*, criou a personagem Ismael inspirado no ator negro chamado Abdias do Nascimento, seu amigo pessoal, retratando a

questão racial, pois percebera que, naquela época, no Brasil, além do “branco” não gostar do “preto”, o “preto” também não gostava de ser “preto” (RODRIGUES, 1994).

A grande vontade do dramaturgo era que o próprio Abdias fizesse a representação do papel de Ismael, podendo-se constatar a partir do relato de Ruy Castro:

Escrever uma peça sobre negros era uma antiga ideia sua, diria Nelson depois, mas apelos mais urgentes o tinham feito adiar-la. O que finalmente o motivara a sentar-se e escrever fora o seu convívio com Abdias do Nascimento, o jovem ator com quem ele se encontrava diariamente no “Vermelhinho”, o café dos escritores e jornalistas na Cinelândia, em frente a ABI. Mexendo o cafezinho para que ele esfriasse, Nelson dizia a Abdias: ‘Nos Estados Unidos, o negro é caçado a pauladas e incendiado com gasolina. Mas no Brasil é pior: ele é humilhado até as últimas consequências’ (CASTRO, 2002, p. 204).

Apesar da inspiração no amigo e do sucesso obtido pela peça, o dramaturgo ficou desapontado por não ter Abdias como Ismael. Porém a produção e direção da peça não concordaram, afirmaram que a situação chocaria o público ao ver um médico negro, bem sucedido economicamente, fosse interpretado por um negro de fato. Conforme Castro (2002), os negros representavam, no teatro, apenas papéis considerados inferiores naquela sociedade, então Ismael fora interpretado por um homem branco com graxa no rosto,

Dalcastagnè (2008, p. 106) ressalta que:

Ao manusear as representações sociais, o autor pode, de forma esquemática: (a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrevê-las, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento - mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante delas nos *implica*, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos.

Sendo assim, compreende-se que a letra *b* e a letra *c* estão claras na representação de Ismael, em *Anjo Negro*, apresentado por Nelson Rodrigues em 1946 como um homem negro de boa aparência, em uma boa condição social, médico reconhecido por seu excelente desempenho profissional. Em contraponto, evidencia a questão do preconceito racial, pois o próprio Ismael refuta sua cor, o que pode ser compreendido como um reflexo dos estereótipos atribuídos aos negros naquela sociedade.

De acordo com o dicionário Houaiss (1915-1999, p. 833), o termo estereótipo é definido como:

Estereótipo *s.m.* (1836) [...] 3.1 esse próprio padrão, ger. formado de idéias preconcebidas e alimentado pela falta de conhecimento real sobre o assunto em questão (*o e. do amante latino*) 3.2 ideia ou convicção classificatória preconcebida sobre alguém ou algo, resultante de expectativa, hábitos de julgamento ou falsas generalizações 4 aquilo que é falho de originalidade; banalidade, lugar-comum, modelo, padrão clássico.

Compreende-se, neste sentido, que estereótipos são pré-conceitos formados superficialmente, de acordo com o que é considerado padrão numa sociedade ou grupo social, e sem conhecimento concreto do alvo, desenvolvidos a partir de pensamentos idealizados de um determinado assunto, refletindo-se em outro.

De acordo com Brown e Turner (2002, p. 68), no âmbito da literatura os:

[...] estereótipos podem se formar para refletir nossa observação direta do comportamento de um grupo [...]; [...] estereótipos podem refletir nossas expectativas e teorias mais amplas sobre como pensamos que um grupo deveria se comportar [...]; [...] os estereótipos se formam para refletir uma combinação de nossas observações (dados) e de nossas expectativas e conhecimentos (*apud* WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Tais considerações permitem compreender que os estereótipos são formados a partir do ponto de vista particular e de grupo em relação ao outro, de modo

que o caracterize de forma superficial, na maioria dos casos, negativamente. De acordo com Gilda Korff Dieguez (1985, p.43):

Pelo fato de a colonização brasileira prender-se nos seus primórdios, à agricultura, os primeiros registros literários a ela se referem, no sentido de enaltecer a exuberância e riqueza da terra, no que os índios são mencionados favoravelmente como parte do exotismo da paisagem, enquanto os negros são apenas referenciados superficialmente.

Os estereótipos com relação ao negro estão enraizados historicamente, oriundos do período da colonização brasileira, eles trazem uma carga pejorativa e, portanto, depreciativa. Noção que se confirma com Gizêlda Melo do Nascimento (2006), quando observa que não existia um reconhecimento, era descrito como um ser inferior aos demais e muitas vezes sua representação era anulada do contexto social, sendo Gregório de Matos o primeiro a indicar isso em suas obras, nas palavras de Dieguez (1985, p. 45):

Todo o movimento de repulsão [na poesia de Gregório de Matos] tende a ver o negro como uma ameaça ao sistema colonizador do branco, cuja sobrevivência está vinculada ao isolamento para evitar “contágio”, o que poderia representar o enfraquecimento de seu poder.

Dieguez explica que esta repulsão presente nas obras de Gregório de Matos, pode não ser caracterizada como preconceito do autor, pois naquele contexto a igreja induzia a população a acreditar que a cor negra era a representação do mal “dado que os negros, na sua escuridão da ignorância pagã, eram endemoniados” (DIEGUEZ, 1985, p. 44). Sendo assim, pode compreender que o preconceito, decorre da desvalorização da cultura pagã devido à ascensão do cristianismo. Portanto, mais uma vez está claro que a literatura recria e problematiza as questões humanas da vida em sociedade. Em *Anjo Negro*, Nelson Rodrigues realiza essa tarefa ao problematizar a questão do preconceito a partir da personagem Ismael, o qual sofre diante do desprezo social, mas que, além disso, apresenta conflitos sérios, pois ele mesmo mantém uma postura preconceituosa em relação a sua cor.

Conforme Gizelda Melo de Nascimento (2006, 108), José de Alencar contribuiu notoriamente para a imagem estereotipada do negro na literatura:

Se boa parte da sua produção foi dedicada à recuperação da imagem do índio - sempre é claro sob o prisma eurocêntrico - desenvolvendo-lhe de forma idílica a dignidade, o mesmo não faz com a imagem do negro, quando trata-o pelo prisma do rebaixamento; rebaixamento observado tanto quando o representa dócil, domesticado, destituído de vontade, de voz e de acordo com a condição de objeto manipulável. [...] Ou quando apresenta-o como “bicho fera” em seu mais alto grau de bestialidade. [...] Estereotipado e zoomorficado - como aliás acontece na produção de Gregório de Matos - o negro, na produção literária de José de Alencar, jamais verá sua humanidade retratada.

A citação acima expõe que apesar de o índio não ser branco, é garantida a ele uma boa colocação na representação social em parte devido descrição dos cronistas e também devido projeto estético e ideológico de José de Alencar, criar o herói nacional valorizando a cor local, o que não acontece com o negro.

Proença Filho (2004, p. 162) destaca que a visão estereotipada em relação ao negro do século XIX é evidenciada até os dias atuais, embora com algumas modificações. Desta forma o autor enumera os estereótipos do negro, encontrados na literatura brasileira. Destaca o estereótipo do negro *escravo nobre* “que vence por força de seu branqueamento, embora a custo de muito sacrifício e humilhação”.

Em seguida destaca o “*negro vítima*, sobretudo quando escravo. Nessa óptica, ele se transfigura em objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade e defesa da causa abolicionista” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 163). Para este estereótipo, Proença Filho exemplifica com *A Escrava Isaura* de livro do mesmo nome, escrito por Bernardo Guimarães e Raimundo de *O Mulato*, escrito por Aluísio de Azevedo, exaltando a nobreza de caráter de ambas as personagens.

O crítico analisa o estereótipo do “*negro infantilizado, serviçal e subalterno, [...] esse estereótipo permanece, associado à animalização*” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 165). Tal consideração também é retomada por Regina Delcastagnè (2008), pois ela expõe que 12,2%¹ dos negros, nas obras analisadas, são retratados como serviçais. “Dito de outra forma, nos romances estudados, os negros são (quase sempre) pobres, mas os pobres não são necessariamente negros” (DELCASTAGNÈ, 2008, p. 93). Portanto, pode-se dizer que a maioria dos negros, com base nos estudos trazidos pela pesquisadora, é descrita como seres inferiores aos demais.

Quanto ao estereótipo do negro, no âmbito sexual, Proença Filho (2004) o denomina como *negro pervertido*, aquele que leva as mulheres a liberar seus instintos por conta de sua promiscuidade. O negro retratado na literatura e visto pela sociedade como erotizado, objeto sexual. Acerca deste estereótipo, Delcastagnè (2008) explana que 8,2% dos negros (nas obras pesquisadas) estão relacionados ao sexo, principalmente como profissionais do sexo, contra 0% em personagens brancas.

Outro estereótipo apresentado por Proença Filho (2004) é o do “*escravo demônio*, tornado fera por força da própria escravidão. [...] Na maioria dos casos, o negro figura como personagem secundária, como contraponto social” (PROENÇA FILHO, 2004, p.165), sendo utilizado como contraste para mostrar o que é considerado padrão na sociedade:

Por outro lado, os protagonistas de romances e de muitos poemas, quando escravos, são originariamente, como destaca Antonio Candido, mulatos, a fim de que o autor possa dar-lhes traços brancos, e, deste modo, encaixá-los nos padrões da *sensibilidade branca*.

Nota-se que boa parte dos escritores retratou em suas obras os conflitos sociais acerca da cor da pele e da condição social. No caso do negro

evidencia-se um processo lento para mudanças de concepção dos próprios escritores acerca da questão, mas, sobretudo da sociedade. É o que Proença Filho (2004) observa com base em Candido (1964), ou seja, a utilização do termo “mulato” não afastaria tanto o leitor como quando utilizado o termo “negro”, visto que o mulato consiste de uma junção do negro e branco.

Em relação ao estereótipo do negro como escravo Delcastagnè (2008) constata que o mesmo contempla uma porcentagem de 9,2% nas obras exploradas, ocupando o terceiro lugar entre os demais estereótipos, sendo o primeiro negro como bandido e o segundo como empregada doméstica/subalterno.

O estereótipo de *negro exilado na cultura brasileira* também é destacado por Proença Filho (2004), tomando como exemplo *Urucungo* (1933), livro de poemas de Raul Bopp que descreve o negro como um ser a parte da cultura branca.

Além dos estereótipos já citados, Delcastagnè (2008) apresenta o estereótipo do negro como bandido como o mais visto na literatura, sendo 20,2% contra 3,2% representados por personagens brancas. Observa-se, portanto, que o negro é retratado, na maioria das vezes, como o sujeito que realiza os trabalhos desvalorizados, considerados criminosos ou amorais.

Por fim, Delcastagnè (2008, p. 14) coloca que a representação do negro na literatura, com o uso de estereótipos, tem o papel de aproximar o leitor:

O estereótipo é usado na narrativa não como crítica, mas como recurso fácil de aproximação com o leitor, que ela assume como compartilhando dos mesmos preconceitos. Ou seja, a imagem conhecida permite que o leitor se identifique, ao mesmo tempo em que se reforça a si própria, naturalizando seu conteúdo.

Tendo em vista que a forma estereotipada de tratamento para com as personagens negras é refletida pela sociedade, muitas vezes o autor não tem

a ideia pejorativa sobre o negro, porém, sabe que se utilizá-la, o público leitor irá se identificar, visto que esta é uma realidade conhecida por ele.

De acordo com as ideias apresentadas por Dalcastagnè (2008), apesar de o negro estar mais presente na literatura, ainda são descritos a partir de uma visão estereotipada e depreciativa, relacionado-os a bandido, empregada doméstica, prostituta, etc, o que não acontece diretamente com Ismael:

CEGO - Diga - ele se chama Ismael?
PRETO - O doutor? Sim. E que médico!
CEGO - Preto, não é preto?
PRETO - Mas de muita competência! (para os outros) Minto?
PRETO - Não tem como ele!
PRETO - Viu? Doutor de mão-cheia! (RODRIGUES, 2005, p. 10).

Ismael é uma pessoa renomada na sociedade, como descrito nos diálogos, conceituado médico da cidade. Na peça, os estereótipos com relação ao negro estão presentes nas atitudes de Ismael ao longo da trama, inclusive sendo alvo de preconceito dele mesmo, como ressalta Sábato Magaldi (1992, p. 23-24):

168

Apesar da patente sensualidade, Ismael nunca se aproximou das mulheres da sua raça. Não tomava cachaça, por considerá-la bebida de negro. Tirou da parede o quadro de São Jorge, por ser 'santo de preto'. Trocou propositalmente os remédios, para cegar Elias - vingança impune contra a origem do irmão de criação (Elias explica a Virginia que seu pai era italiano e, depois que sua mãe morreu, ele se juntou com a mãe do Ismael). Procurou Ismael a ascensão social por intermédio do êxito como médico e, enriquecido, deixou de clinicar, fechando-se na casa com a mulher branca e só permitindo ali a entrada de homens negros. No decorrer do espetáculo, Ismael usa apenas 'um terno branco, de panamá, engomadíssimo, sapatos de verniz'.

A partir da características comentadas por Magaldi, podemos perceber que Ismael é contraditório ao que diz respeito ao estereótipo de *negro infantilizado*, destacado por Proença Filho (2004), tendo em vista o papel social que ele representa na comunidade.

Porém, pode ser relacionado ao estereótipo do negro como *bandido*, apresentado anteriormente por Delcastagnè (2008), fato que pode ser

percebido em diversos momentos da peça como, por exemplo, quando Elias conta à Virgínia como ocorreu sua cegueira:

ELIAS (*num lamento*) - Foi uma fatalidade; eu estava doente dos olhos e Ismael, que me tratava, trocou os remédios. Em vez de um, pôs outro... Perdi as duas vistas...
[...]
VIRGÍNIA (*obcecada*) - Ele trocou os remédios de propósito... Para cegar você! [...] (RODRIGUES, 2005, p. 29-30).

Este trecho induz o expectador/leitor a acreditar que Ismael premeditou a troca dos remédios de Elias para que ele ficasse cego, uma forma de “castigo” por ser branco, visto que esta era a sua vontade. A certeza sobre esta atitude criminosa ocorre quando Virgínia afirma que ele pingou ácido nos olhos da filha para que ela não pudesse ver outro homem, que não ele:

VIRGÍNIA - [...] Ana Maria tinha um ano, dois anos, seis meses, não sei, não sei... Você a levou e eu pensei que fosse para afogá-la no poço; e até para enterrá-la viva no jardim. (com espanto maior) Só não pensei que você fosse fazer o que fez - uma criança, uma inocente - e você pingou ácido nos olhos dela - ácido! [...] (RODRIGUES, 2005, p. 69).

169

Ismael confirma esse ato com frieza, demonstrando crueldade e perversidade:

ISMAEL - Fiz.
VIRGÍNIA (*espantada, num sopro de voz*) - Fez! (RODRIGUES, 2005, p. 69).

Confirma-se, também, quando Virgínia expõe a Elias o ato do estupro realizado por Ismael, com intermédio da tia viúva, a qual quisera vingança pela morte da filha:

VIRGÍNIA (*sem ouvi-lo*) - E eu ali. De noite, Ismael veio fazer quarto. Era o único de fora, ninguém mais tinha sido avisado. De madrugada, senti passos. Abriam a porta - era ele mandado pela minha tia. Eu gritei, ele quis tapar minha boca - Gritei como uma mulher nas dores do parto... (*muda de tom*) Se pudesse ver, eu te mostraria (RODRIGUES, 2005, p. 33).

Caracterizado como criminoso devido sua atitude em relação ao irmão, aparece como estuprador em relação à Virgínia. A partir da cena evidenciada na passagem anterior, pode-se ressaltar o estereótipo do negro erotizado, objeto sexual, pois segundo Delcastagnè (2008, p. 98), “o homem negro diante da mulher branca continua sendo representado como o animal sujo cobiçado pela fêmea depravada”, induzindo o leitor a pensar que a tia viúva seguiu estes critérios na escolha do “estuprador” da sobrinha. Mas, além disso, porque como negro deveria realizar os “trabalhos” considerados sujos, aqueles que vingam a honra, os “direitos” da família nobre ou fidalga, na calada da noite ou à surdina, sob a ordem do branco.

Percebe-se, também, neste momento, o estereótipo do negro *subalterno*, conforme análise de Proença Filho (2004), pois a tia de Virgínia chama logo um homem negro para realizar o “trabalho”. Ela ordena e ele cumpre. Sua atitude servil lembra a submissão escrava, questão histórica ocorrida no Brasil assim como em outros países em relação à essa etnia. Reforça ainda a ideia de que o branco determina a vida do negro.

Após o estupro, a narrativa não explica detalhes, mas Ismael e Virgínia seguem vivendo como casados, ele a mantém em cárcere privado, pois não aceita que tenha contato com pessoas brancas, nem mesmo através de fotografias, ela é impedida de sair à rua, entre outras proibições:

VIRGÍNIA (*num apelo*) - Ismael, quero que você me arranje um quadro de Jesus! Jesus não tem o teu rosto, não tem os teus olhos não tem, Ismael!

ISMAEL - Não - aqui não entra ninguém (RODRIGUES, 2005, p. 18).

[...]

ISMAEL (*segurando-a*) - Não quero, não deixo! [...] Se mandei abrir janelas muito altas, muito, foi para isso, para que você esquecesse, para que a memória morresse em você para sempre (com uma paixão absoluta) Virgínia, olha para mim, assim! Eu fiz tudo isso para que existisse só eu. Compreende agora? [...] (RODRIGUES, 2005, p. 19).

Nota-se que Virgínia gostaria de ter um quadro de Jesus Cristo, porém ver alguém branco todos os dias, mesmo na imagem de Jesus e em um quadro, impedia Ismael de trazê-lo. Ismael demonstra profundo complexo em relação à sua cor e esse sentimento faz com que seja um homem possessivo e cruel. Desse modo, a peça de Nelson Rodrigues problematiza a visão estereotipada do negro na sociedade e evidencia o olhar do dramaturgo para questões normalmente deixadas a margem também na literatura, haja vista que, naquele período, poucos escritores traziam o negro como personagem.

Devido à violência do estupro e da vida como prisioneira, Virgínia demonstra uma aversão à cor negra e ao marido. Esta aversão ao negro é descrita aos extremos, surpreendendo o expectador/leitor, pois ela renega e provoca a morte dos próprios filhos com a alegação de que eram negros:

ISMAEL - Um por um. Este último, o de hoje, tu mesma o levaste, pela mão. Não lhe disseste uma palavra dura, não o assustaste; nunca foste tão doce. Junto do tanque, ainda o beijaste; depois, olhaste em torno. Não me viste, lá em cima, te espiando... então, rápida e prática - já tinha matado dois - tapaste a boca do meu filho, para que ele não gritasse... Só fugiste quando ele não se mexia mais no fundo do tanque.

VIRGÍNIA (*feroz, acusadora*) - Então, por que não gritou? Por que não impediu?

ISMAEL (*cortante*) - Mas é verdade?

VIRGÍNIA (*espantada*) - É.

ISMAEL - Aos outros dois você deu veneno...

VIRGÍNIA (*hirta*) - Sim.

ISMAEL - Porque eram pretos.

VIRGÍNIA (*abandonando-se*) - Porque eram pretos. (*com súbita veemência*) Mas se sabias, por que não impediste? (RODRIGUES, 2005, p. 52).

Ismael revela que não impediu que Virgínia os assassinasse, dando a entender que essa cumplicidade os unia ainda mais como casal, e que devido a isso ele a amava ainda mais, ressaltando os estereótipos já referidos de *bandido* e do *instinto animal* em relação ao negro na sociedade, mas também os colocando em condição de igualdade no que diz respeito a crueldade e violência. Virgínia parece ser a representação do preconceito racial presente na sociedade, visto que sua atitude para com os filhos é de extrema refuta à cor negra.

É notável a atitude criminosa de Ismael, tanto quanto a de Virgínia, visto que ele é cúmplice dos crimes cometidos por ela, revelando seus atos cruéis, pois observa as cenas dos filhos sendo mortos sem tomar nenhuma atitude para impedir.

No início da peça, ocorre uma discussão entre Ismael e o irmão. Elias relembra como era a personalidade do mesmo na infância:

ELIAS - Tive medo quando era menino. Naquele tempo, você me batia porque eu não era filho da sua mãe, porque era filho de uma mulher branca com homem branco. Mas hoje, não. Talvez amanhã o medo volte... (RODRIGUES, 2005, p. 14).

Constata-se na cena, que Ismael incorpora o estereótipo de negro como vítima, exaltando sua liberdade para mostrar a Elias que pode ser superior a ele, o contrário do que diz a sociedade na qual estão inseridos, onde o branco predomina sobre o negro. Proença filho (2004) analisa o estereótipo do negro como *vítima*, como “objeto de idealização, pretexto para a exaltação da liberdade”. Ismael utiliza a força física para coagir Elias e seus conhecimentos sobre medicina para a troca de remédios, impondo a condição de cegueira e submissão ao irmão, forçando a inversão dos papéis ou estereótipos sociais.

172

De acordo com a análise desenvolvida até o momento, observou-se que em Ismael estão presentes os estereótipos *negro como bandido*, estereótipo do *negro erotizado*, *objeto sexual*, estereótipo do *negro subalterno*, o estereótipo do *negro como vítima* conforme Proença Filho (2004) e Delcastagnè (2008).

3. A NEUROSE DE ISMAEL COM BASE KAREN HORNEY

Abordaremos aqui uma crítica psicanalítica interpretativa com base em Karen Horney (1974). Por meio de seus estudos, é possível compreender o comportamento humano neurótico por conta de conflitos internos mal resolvidos e suas consequências, o que contribui para interpretar atitudes e comportamentos de Ismael na peça *Anjo Negro* de Nelson Rodrigues.

Os conflitos interiores da personagem que afetam diretamente a vida de Ismael serão analisados numa interpretação psicanalítica de suas atitudes e pensamentos na obra, com base na teoria psicanalítica de Horney (1974).

Além disso, tem-se o amparo em Adalberto de Oliveira Souza (2005, p. 206), o qual expõe que tanto a literatura quanto a psicanálise tem como base de estudo a linguagem, seja oral ou escrita, bem como a subjetividade:

Nota-se, portanto, que há vários fatores pelos quais a psicanálise associou-se à literatura e esta, por sua vez, apropriou-se das descobertas realizadas pelos psicanalistas. Sobretudo porque a psicanálise, cumpre-se repetir, é uma experiência que se constrói unicamente pela linguagem, sendo esta sua base metodológica.

A análise da personagem é possível, pois, segundo Souza (2005, p. 208), “este tipo de crítica é uma prática adaptada de uma situação estritamente crítica que tem de levar a especificidade do texto literário”. Deste modo será conduzida com base no que está escrito, sem levar em consideração o inconsciente da personagem.

De início é possível perceber que, ao longo do enredo, Ismael demonstra dupla personalidade, mostrando a frieza doentia e a forma possessiva como mantém seu casamento e por outro lado a suposta paixão que sente por Virgínia. Mesmo com insegurança, ele faz de tudo para que ela somente o tenha em vista:

ISMAEL - Eu nunca te disse - foi, não foi? - que te amava? Ou disse?
VIRGÍNIA - Nunca.

ISMAEL (*com exasperação*) - Virgínia, eu preciso pensar em ti, e não em meu filho; mas só em ti. (*muda de tom*) [...] (RODRIGUES, 2005, p. 50).

Esta duplicidade percebida na cena apresentada, um contraste entre loucura e sentimentos puros, é destacado por Eliane Brum citada por Adriana Facina (2004, p. 261):

A natureza humana é formada por aspectos demoníacos e divinos, por instintos animais e sentimentos sublimes, pelo mal e pelo bem [...]. Nelson Rodrigues caracteriza a condição humana como permeada de uma ambiguidade trágica.

Ao analisar as atitudes de Ismael em relação às pessoas que estão à sua volta e em relação a ele mesmo, pode-se compreender que ele acomoda dentro de si diversos conflitos. O repúdio que sente pela própria cor, a hipotética paixão e o ódio que sente em relação ao irmão e Virginia são evidências de que os instintos animais que o atormentam.

Considerando os estudos da psicanalista Horney (1974, p. 29), pode-se interpretar as atitudes de Ismael como as de uma pessoa neurótica, pois para ela:

[...] quando falo de “neurótico”, sempre quero referir-me a ‘uma pessoa até o ponto em que é neurótica’. Para ela a consciência de sentimentos e desejos é débil; muitas vezes, os únicos sentimentos que possuo, consciente e nitidamente, são reações de medo e cólera aos golpes recebidos por seus pontos vulneráveis [...].

Os fatos históricos e contextuais em torno da vida de Ismael, as questões de preconceito, o negro sendo visto de forma estereotipada, a exploração, opressão, imposição pelo poder, entre outros fatores, contribuem para compor seu comportamento neurótico. O que se pode deduzir é que seus atos são resultados de uma neurose causada por fatores externos, a visão imposta pela sociedade, recebida como golpes de opressão e preconceito.

A primeira característica de neurose observada a partir dos comportamentos e atitudes de Ismael relaciona-se a aproximação de pessoas, como coloca Horney (1974, p. 49):

[...] o tipo condescendente, manifesta todos os traços inerentes à “aproximação” das pessoas. Mostra uma acentuada necessidade de afeto e aprovação e uma necessidade especial de um ‘parceiro’ - isto é, um amigo, amante, marido ou esposa ‘que deve preencher todas as expectativas de vida e assumir responsabilidade para o bem e para o mal, tornando-se a missão predominante o saber lidar com ele’.

A necessidade de afeto e aprovação que Ismael sente em relação à Virgínia está clara na peça, embora ele também demonstre essa necessidade de afeto e aprovação em relação à sociedade, pois torna-se médico aclamado e respeitado. Além de menosprezar e não manter atitudes e modos de vida comuns à sua cultura, tudo o que faz é meticulosamente planejado visando essa aceitação pela sociedade. Portanto, ações e comportamentos que o aproximam de sua cultura, motivo de preconceito naquela sociedade, são abolidas de seus comportamentos.

175

Tal atitude é ressaltada na peça em uma conversa de Ismael com Virgínia, quando ele assume que a mantém presa, impondo o suposto amor e respeito da esposa a todo custo:

ISMAEL - Era isso que eu queria, também. E quero esse lugar, essa vida. Por isso criei todos esses muros, para que ninguém entrasse. Muros de pedras e altos.
VIRGÍNIA (*com espanto, virando-se para o marido*) - O mundo reduzido a mim e a você, e um filho no meio - um filho que sempre morre (RODRIGUES, 2005, p. 17).

Observa-se, desta forma, que mantendo Virgínia em cárcere, Ismael supre a necessidade que tem da aprovação da parceira, mesmo que sendo uma aprovação forçada.

Outra característica de uma pessoa neurótica é a imagem idealizada que ela tem de si própria, explanado por Horney (1974, p. 92):

[...] a criação de uma imagem do que o neurótico julga que ele é, ou do que, na ocasião, sente que pode ou deve ser. [...] Os aspectos particulares dessa imagem variam, sendo determinados pela estrutura da personalidade: pode ser considerado em primeiro plano a beleza, o poder, a inteligência, o gênio, a santidade, a honestidade, ou o que quer que se queira.

Ismael criou uma imagem idealizada em relação a si, planejou cuidadosamente a sua vida, ao se tornar médico, ao usar somente roupa branca, ao não tomar pinga por considerá-la bebida de “preto”, etc. Sua postura, ações e comportamentos são escolhas que o aproximam ao máximo da imagem e valores enaltecidos na sociedade e atribuídos ao homem branco. Além disso, cria um mundo a parte, no qual ele assume o papel do branco, o que se confirma na peça, pois após cegar Ana Maria a faz acreditar que ele é a única pessoa branca no mundo, trabalhando a inversão das cores como a inversão dos papéis sociais:

176

VIRGÍNIA - Ismael é preto.

ANA MARIA - Preto, meu pai? (*feroz*) Ele, não. Os outros, sim. É por isso que ele me esconde aqui, que me guarda, não deixa ninguém falar comigo, a não ser você. Porque todos são pretos, (*repete, espantada*) todos! Até no livro que meu pai leu pra mim... (RODRIGUES, 2005, p. 62).

Percebe-se, então, que Ismael utiliza esta imagem idealizada para solucionar um conflito interno gerado devido à rejeição histórico-social em relação à cor de sua pele e à condição de sua origem, uma rejeição que se internalizou e que o atormenta, confirmando-se ao fim da peça quando Ismael diz:

ISMAEL - [...] Não sabe que sou um “negro hediondo”, como uma vez me chamara [...] (RODRIGUES, 2005, p. 93).

Desta forma percebe-se que Ismael foi vítima de visões estereotipadas ao longo de sua vida, o que contribuiu para a formação de uma possível neurose. Horney (1974, p. 137) explica que quando os conflitos internos não são bem

resolvidos os indivíduos criam defesas para encarar as situações reais, chamada de *estrutura protetora*, esta estrutura pode acarretar consequências, como por exemplo, o medo de ser desmascarado:

Outro medo oriundo da estrutura protetora é o *medo de ser desmascarado*. Sua fonte são inúmeras ficções que fazem parte do desenvolvimento e manutenção dessa estrutura mesma, e que serão descritas ao tratarmos do enfraquecimento da integridade moral suscitado pelos conflitos não resolvidos.

Tal questão pode ser percebida a partir das atitudes e dos sentimentos de Ismael, uma delas é o medo, em específico o de ser desmascarado pela filha Ana Maria:

ANA MARIA - Mas a culpa não é tua - porque és doida - eu sinto loucura nas tuas palavras...
VIRGÍNIA - Foi ele que te disse isso? Foi, não foi? Que eu sou doida?
ANA MARIA (*veemente*) - Não. Não foi ele!
VIRGÍNIA (*doce, persuasiva*) - Confesse. Foi?
ANA MARIA - Pois foi. Disse. [...] (RODRIGUES, 2005, p. 81).

177

Ressalta-se o medo que Ismael sentia de que Virgínia o desmentisse perante a filha, prevenindo Ana Maria da loucura da mãe, evidenciando então o medo de ser desmascarado.

Outra consequência notória dos conflitos de Ismael, abordada por Horney (1974, p. 176), que corroboram para ser visto na perspectiva do estereótipo de negro bandido, são as tendências sádicas:

Uma pessoa dessas pode querer escravizar outras, ou escravizar seu parceiro. Sua "vítima" deve ser o escravo de um super-homem, uma criatura sem desejos, sentimentos ou iniciativa próprios, e sem tampouco quaisquer direitos sobre seu senhor.

Esta definição explica os diversos momentos em que Virgínia foi escrava sexual de Ismael, mesmo no dia do velório de um dos filhos:

VIRGÍNIA - Mas você não compreende que não pode ser? Que eu não posso ter filhos assim? Estou tão cansada de morte, tão cansada de

ver crianças morrendo? (*muda de tom, com voz surda*) A morte já me dá náuseas, já me enjoa o estômago! (*num arranco*) Ter filho para morrer!

ISMAEL - Eu virei.

VIRGÍNIA (*num grito*) - Não, Ismael, não! Respeite este dia! (*muda de tom, espantada*) Não quero ficar grávida de um, no dia em que enterram outro! É como se o que morreu voltasse para o meu ventre e se fosse apodrecer dentro de mim” (*suplicante*) Sim? Não hoje!

(*Os dois se olham.*)

VIRGÍNIA - Por que me olhas assim? (*com voz baixa*) Leio nos teus olhos o desejo. Mas não conseguirás nada de mim - não hoje - nem que eu me mate; e me matarei na tua frente, Ismael! (RODRIGUES, 2005, p. 22).

Apesar da súplica de Virgínia, Ismael parece não se importar com sua vontade, afirmando que voltará para engravidá-la naquela noite, confirmando a escravização da mulher. Virgínia afirma que prefere a morte, mas como vítima do “super-homem” pouco pode fazer, além de implorar para que ele não volte naquela noite, estando ela sofrendo as consequências dos conflitos de Ismael.

A atitude que Ismael tomou perante Virgínia é uma clara característica de pessoas com tendência sádica que, segundo Horney (1974, p. 180), consiste em “[...] menoscar e humilhar as outras. Ela é incrivelmente perita em detectar e descobrir os pontos fracos dos outros”. Evidente no tratamento que Ismael tem para com Virgínia, pois pelo modo que ele a trata e o modo que ele a humilha, nota-se que talvez seja uma maneira de castigá-la por ser branca, tudo o que ele queria ser.

Quanto ao irmão Elias, Ismael emprega a tortura física e moral como condição de humilhação para o cego:

ELIAS - Eu vim para ficar, Ismael.

ISMAEL (*com humor sinistro*) - E esperas que eu deixe?

ELIAS - Não tenho lugar nenhum pra ir.

ISMAEL - Preferes que eu te expulse daqui? Que eu te leve de rastos? Ou já perdeste o medo?

ELIAS - Tive medo quando era menino. Naquele tempo, você me batia porque eu não era filho de uma mulher branca com um homem branco. Mas hoje, não. Talvez amanhã o medo volte...

(*Ismael não responde, está de costas para o cego, que, naturalmente, não percebe*)

[...]
ISMAEL (*batendo com o relho num móvel*) - Sabes o que é isso?
[...]
ELIAS - Sei. Aquele chicote, curto, trançado, que meu pai te deu.
ISMAEL - Queres que eu use isso na tua carne?
[...] (RODRIGUES, 2005, p. 14).

A partir desta passagem, está explícito que Ismael sempre utilizou da força física para humilhar Elias aproveitando-se, ainda, da fraqueza do irmão devido à cegueira. A força física também foi utilizada na relação com Virgínia, primeiro o estupro, depois o cárcere e as relações conjugais forçadas.

São claras as tendências sádicas também ao final da peça, quando Ismael concorda com Virgínia em enclausurar Ana Maria no mausoléu de vidro, a princípio construído para protegê-la da tia viúva, mas que após o entendimento entre Ismael e Virgínia servirá para sua morte. Deste modo ninguém atrapalhará o amor do casal:

ISMAEL (*espantado*) - Mas e ela? Você não compreende que ela não deixa? Que estará sempre entre nós?
VIRGÍNIA - Eu sei como fazer - para que ela fique tranquila... (*resoluta*) Vai chamar minha filha. Traz minha filha. Diz que é um passeio. E quando ela chegar aqui, eu quero que tu beijes como eu fiz com teu filho que morreu, no tanque...
(*Ismael vai buscar Ana Maria. Virgínia, muito digna, muito serena, abre as portas do túmulo de vidro. Voltam Ismael e Ana Maria. Esta com um ar absolutamente idílico*) (RODRIGUES, 2005, p. 94).

179

Percebe-se que Ismael mantém atitude fria, doentia, e se quer discute com Virgínia, apenas busca a menina para ser trancada no mausoléu, a pedido da esposa. Ele retorna a cumprir ordens e cometer crime. A princípio o estupro de Virgínia, a pedido da tia, no decorrer da trama observa a esposa matar os filhos sem interferir, dentre outras violências já mencionadas e, ao final, obedece a ordem, realizando a tarefa solicitada pela esposa, participa da morte da própria filha.

Ainda de acordo com Horney (1974) outros fatores que podem ser resultados de neuroses é o despreço por si mesmo e a ansiedade. Tais fatores favorecem consideravelmente para impulsos sádicos.

O despreço por si acompanha Ismael na maioria de suas ações, evidenciando o pavor que sente pela cor de sua pele:

ISMAEL (*fazendo abstração de tudo e de todos, e falando para si mesmo*) - É castigo... Sempre tive ódio de ser negro. [...] Só desejei o ventre das mulheres brancas... Odiei minha mãe, porque nasci de cor... Invejei Elias porque tinha peito claro [...] (RODRIGUES, 2005, p. 55).

A confissão de Ismael ilustra o despreço, conforme Horney (1974), fazendo alusão ao estereótipo do negro como vítima. Ao relatar o ódio que sentiu pela própria mãe evidencia que se tivesse nascido de uma mãe branca, ele também seria; ao afirmar a inveja pelo irmão branco Elias, demonstra que gostaria de ser branco para ser mais bem aceito na sociedade; ao confessar que buscou um ventre branco para um filho branco, ressalta o desejo de ter descendentes brancos para que não tenham o mesmo despreço sofrido por ele, no entanto, a neurose toma conta, pois ao cegar e concordar com a morte da filha branca demonstra que está completamente atormentado, tal qual a esposa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos conhecimentos sobre os estereótipos e a análise da personagem Ismael de *Anjo Negro*, evidenciou-se que os estereótipos mais comuns relacionados ao negro naquela sociedade, meados do século XX, foram problematizados na personagem, o que sugere ser o objetivo de Nelson Rodrigues para tal contexto. Ou seja, mostrar como atitudes, crenças e pensamentos influenciam no imaginário coletivo propagando os estereótipos pejorativos e o preconceito de cor.

Observou-se que nas ações praticadas por Ismael encontram-se os estereótipos de *negro bandido*, *negro como vítima*, *negro subalterno* e *negro erotizado*. Esta observação ampara-se nas atrocidades que Ismael realiza

como, por exemplo, cegar o irmão e matar a filha de criação, estuprar e abusar constantemente da mulher, renegar sua família e sua cultura e ser cúmplice nos assassinatos de três filhos negros, sendo que todas essas ações têm a mesma causa, o preconceito em relação à sua cor.

A partir destes comportamentos da personagem, pôde-se fazer uma crítica interpretativa, amparada em aspectos psicanalíticos, com base na psiquiatra Karen Horney. Constatou-se que os conflitos internos e mal resolvidos de Ismael possivelmente foram originados pelo preconceito da sociedade com relação aos negros, levando em consideração que eram vistos e tratados como inferiores aos demais. Estes conflitos como o complexo de cor, no caso de Ismael, levaram a personagem a criar uma imagem idealizada do branco e absorver a imagem inferiorizada do negro, fazendo de tudo para ser visto como uma pessoa branca, mostrando a necessidade de afeto e aprovação das pessoas, principalmente da mulher Virgínia, mantendo-a presa para que ela “sirva” somente a ele.

Em muitos momentos da trama percebem-se as consequências destas defesas que Ismael cria para ser respeitado, como o medo de ser desmascarado, o despreço por ele mesmo e as tendências sádicas, constantes em todo o enredo.

A análise evidenciou que a personagem sofre e faz sofrer pessoas de seu convívio em decorrência dos estereótipos da sociedade e dos que ele mesmo atribui a si, o que pode ser a causa dos conflitos neuróticos na busca pelo “branqueamento”, desejo evidenciado nas atitudes de Ismael. Conflitos como os revelados pelo comportamento de Ismael, de acordo com Horney (1974), são resultados de fatores externos, podendo-se dizer, portanto, que a sociedade contribui significativamente para a formação da personalidade e do caráter do homem.

Desta forma, percebemos que Nelson Rodrigues faz uma dura crítica social acerca do comportamento humano para com a pessoa negra no século XX, uma herança injusta e intrínseca ao povo brasileiro até então. Notamos que o autor utiliza a dramaturgia, que sempre esteve muito próxima de seus espectadores, como uma forma de refletir e repensar nas atitudes dispostas para com a população afrodescendente, advertindo-nos que atitudes tidas como “normais” acarretavam problemas maiores de auto aceitação, fazendo com que o negro negasse a sua origem e sua capacidade racional. Ismael é muito mais do que o negro subalterno, o bandido, o monstro, é a representação da luta constante, da busca por igualdade, do esforço para o reconhecimento, mesmo que para isso seja necessário abdicar de uma rica ascendência.

Referências

CASTRO, Ruy. O Anjo Pornográfico. A Vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras: 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina - Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

DIEGUEZ, Gilda Korff. O negro na literatura brasileira *in*: PORTELLA, Eduardo (diretor) 80 Perfis/Problemas na Literatura Brasileira. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

FACINA, Adriana. Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos. Rio de Janeiro: Record: 2000.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009.

MAGALDI, Sábado. Nelson Rodrigues: Dramaturgia e Encenações. São Paulo: 1992.

NASCIMENTO, Gizêlda Melo do. O Negro como Objeto e Sujeito de uma Escrita. Londrina, PR: Caderno Uniafro 1: 2006.

PROENÇA, Domício Filho. A trajetória do Negro na Literatura Brasileira. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100017> Acesso em: 10 fev 2019.

RODRIGUES, Nelson. Anjo Negro. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SOUZA, Adalberto de Oliveira. Crítica Psicanalítica *in*: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs) Teoria Literária - Abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2ed. Maringá: EDUEM, 2005.

Walter, Maria Tereza Machado Teles; Baptista, Sofia Galvão. A FORÇA DOS ESTEREÓTIPOS NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM PROFISSIONAL DOS BIBLIOTECÁRIOS. *Inf. & Soc.: Est.*, João Pessoa, v.17, n.3, p.27-38, set./dez. 2007.

Recebido em: 31 de maio de 2019.
Aprovado em: 15 de outubro de 2019.